

“Exprima-se, escritor, exprima-se imediatamente”

Correspondências: *O Tio Vânia* nas cartas de e para Anton Tchékhev

A Mikhaíl Tchékhev

4 de Fevereiro de 1897

Repito: não se pode representar *O Selvagem*. Claro que é preciso representar o papel do doutor de maneira doce, nobre, de acordo com as palavras de Sónia que, no segundo acto, diz dele que é um homem esplêndido e elegante.*

* Sabe-se que *O Tio Vânia* nasceu da reformulação de *O Selvagem*, peça que Tchékhev se recusou a deixar figurar nas suas *Obras Completas*. Mikhaíl Tchékhev, 1865-1936, era irmão de Tchékhev.

A Maria Tchékheva*

4 de Outubro de 1897

O Korch** enviou-me um telegrama a pedir-me *O Tio Vânia*. Recusei.

* Maria Tchékheva, 1863-1957, era irmã de Tchékhev; a sua correspondência com o irmão é particularmente abundante.

** Fiódor Adamovitch Korch, 1853-1923. Director de um teatro em Moscovo.

A Suvórin*

13 de Março de 1898

O senhor está muito ligado ao teatro, enquanto eu dele me afasto – de forma cada vez mais visível –, coisa que lamento porque o teatro, outrora, me trouxe muito de bom (sem falar daquilo que rende; este Inverno, representaram as minhas peças como nunca antes, até *O Tio Vânia* foi levado à cena). Noutros tempos, nada me dava mais prazer do que estar num teatro; agora, tenho sempre a impressão de que alguém vai gritar “Fogo!” no galinheiro. E os actores, não gosto deles. Os meus escritos para o teatro estragaram tudo.

* Alexei Suvórin, director da revista *Novos Tempos*. Um dos primeiros e mais chegados amigos literários de Tchékhev, tornando-se mais tarde seu editor.

A Mikhaíl Tchékhev

alta, 26 de Outubro de 1898

O meu *Tio Vânia* é representado por todo o lado na província, e em toda a parte com sucesso. Em verdade se pode dizer que o sucesso é imprevisível. Não contava nada com esta peça.*

* A peça foi representada, durante o Outono de 1898, em Pavlovsk, Nijni-Novgorod, Odessa, Saratov e Kazan. O autor da crónica acerca do espectáculo de Pavlovsk (interpretado por Dolski) qualificava o quarto acto de “obra-prima cénica”, repleta de “um movimento interior incomunicável”. Considerava que a peça era “a obra cénica mais brilhante dos últimos anos” e mostrava-se surpreendido por ela não ser conhecida em São Petersburgo.

Carta de Máximo Górkí

Novembro de 1898

Nestes dias vi *O Tio Vânia*, vi e chorei como uma mulher, embora esteja longe de ser um homem nervoso, voltei para casa aturdido, transtornado pela sua peça, escrevi-lhe uma longa carta e – rasguei-a. Não havia meio de escrever bem, com clareza, acerca do que a peça faz despontar na alma, mas sentia ao olhar para as personagens que era como se me serrassem em dois bocados com uma velha serra. Os dentes mordem directamente o coração, e o coração, apertado pelo vaivém dos dentes, grita e debate-se. Para mim, foi uma coisa terrífica. O seu *Tio Vânia* é uma forma absolutamente nova na arte dramática, um martelo para bater nas cabeças ocas do público. [...] No primeiro acto de *Vânia*, quando o doutor, após uma longa pausa, fala do calor que deve fazer em África desatei a tremer de entusiasmo diante do seu talento, e a tremer de

medo pelas pessoas, pela nossa vida, miserável, incolor. Que pancada – e que estranha pontaria! – o senhor acertou em cheio!... [...]

A sua declaração segundo a qual já não tem vontade de escrever para o teatro obriga-me a dizer-lhe umas palavras sobre a maneira como o público que o entende considera as suas peças. Diz-se, por exemplo, que *O Tio Vânia* e *A Gaiivota* são uma nova forma de arte dramática, na qual o realismo se eleva ao nível de um símbolo sustentado pela emoção e profundamente pensado. Acho que têm razão em dizer isso. Ao ouvir a sua peça, pensava na vida que se sacrifica a um ídolo, na erupção da beleza na vida miserável das pessoas e em muitas outras coisas graves, fundamentais. Os outros dramas não desviam o homem da realidade para o levar às generalizações filosóficas – os seus, sim.

Carta de A.I. Ouroussov*

27 de Janeiro de 1899

Reli atentamente *O Tio Vânia* e devo dizer com tristeza que, no meu entender, o senhor estragou *O Selvagem*. Diminuí-o, reduzi-o a um esboço, desfigurou-o. O senhor tinha criado um magnífico e mui cómico patife: desapareceu. Ora, o senhor precisava dele para a simetria interna e, ainda por cima, os bandidos desse calibre, com as suas plumagens ricas e brilhantes, são a sua grande especialidade: saem-lhe bem. Ele contava muito na peça, trazia uma pequena nota cómica. Segundo pecado e, a meu ver, pecado bem mais grave: a mudança do enredo. O suicídio do terceiro acto e a cena nocturna à beira rio, na hora de tomar o chá, do quarto acto, o regresso da mulher a casa do doutor** – tudo isso era mais novo, mais astucioso, mais interessante do que o actual fim. Quando, neste Verão, eu falava do assunto com os franceses, era justamente isso que os siderava: o herói morreu, a vida continua. Os actores com quem conversei são da mesma opinião. Claro que *O Tio Vânia* também é bom, melhor do que tudo o que se escreve actualmente, mas *O Selvagem* era melhor, e seria bom que desse a autorização de o montar.

* Homem de letras, 1848-1900.

** Lapso evidente de Ouroussov.

A Vladímír Nemiróvitch-Dántchenko

alta, 8 de Fevereiro de 1899

Não te escrevo nada sobre *O Tio Vânia* porque não sei que escrever-te. Prometi-o verbalmente ao Teatro Maly e agora sinto-me pouco à vontade. Seria como trair o Teatro Maly. Por favor, informa-te: o Maly tenciona montar *O Tio Vânia* na próxima temporada? Se for não, declaro a minha peça disponível e livre de franquia; se for sim, escreverei outra peça para o Teatro de Arte. Não me queiras mal: com a gente do Maly, falei de *O Tio Vânia* há imenso tempo...*

* A peça foi recusada pelo Comité dos Teatros Imperiais do qual dependia o Teatro Maly – para grande gáudio de Nemiróvitch-Dántchenko.

A I.M. Kondratiev

alta, 20 de Fevereiro de 1899

Muito obrigado pela sua carta, mui honrado Alexei Mikhailovitch!* Coloco a minha peça *O Tio Vânia* à sua disposição. Como ainda não foi lida pelo Comité Teatral e Literário, rogo-lhe que se encarregue de lhes enviar dois exemplares e de lhes pedir que a leiam. [...] Se neste Verão estiver em Moscovo ou por perto, escreva-me (Lopasnia, distrito de Moscovo), e visitá-lo-ei, para estar consigo e lhe falar da peça.

* Erro de Tchékhev: Kondratiev não se chamava Alexei mas Ivan.

Carta de Maria Tchékhoa

Moscovo, 26 de Março de 1899

Vladímír Ivanovitch Nemiróvitch-Dántchenko acaba de passar e eis porquê. Embora seja membro do comité de teatros, não ocupa o cargo desde há muito. Ouviu dizer por Vesselovski e I.I. Ivánov que a peça *O Tio Vânia* fora aceite para o palco do

Teatro Maly, com a condição de tu a mudares, ou seja, de mudares certos trechos da peça, e de voltares a apresentá-la para confirmação. Como o Teatro de Arte estava triste porque a peça ia ser representada no Maly, eis o que o Nemiróvitch decidiu: não vais fazer as modificações na tua peça, e ele propõe-se montá-la tal e qual no teatro dele, porque a acha formidável, etc. O Stanislavski até prefere esta peça a *A Gaivota*. Não receberás tão cedo o relatório referente às modificações de *O Tio Vânia*, por isso o Vladímir Ivanovitch pede que interrogues o comité por telegrama, a fim de que te comuniquem se a peça foi aceite e como. Depois, se estiveres de acordo com a cedência ao Teatro de Arte, pede-te que entres também em contacto telegráfico com ele, porque o programa e as distribuições devem estar estabelecidos para a Primavera. Eu pude ver, quando fui ao serão a casa da Fedotova,* a que ponto todos os actores do Teatro de Arte estavam tristes por a peça não ser representada por eles. O Nemiróvitch insistiu muito para que te escrevesse imediatamente; julga ele – não sei porquê – que assim será mais bem sucedido. Responde-me, por favor. Ele estava muito emocionado.**

* Glikeria Nikolaevna Fedotova, uma das actrizes do Teatro Maly.

** A reunião que confirmou a recusa do Comité dos Teatros Imperiais teve lugar a 8 de Abril de 1899, na ausência de Nemiróvitch. É pois de acreditar que ele estivesse antecipadamente ao corrente e que deixou o comité recusar uma peça que ele desejava ardentemente montar no Teatro de Arte.

A Maria Tchékhoa

lalta, 29 de Março de 1899

Em relação a *O Tio Vânia*, nem tenciono escrever, nem tenciono telegrafar. Primeiro, porque não sei donde telegrafar. Segundo, porque ninguém responde às minhas cartas e já escrevi mil vezes ao Nemiróvitch. Terceiro, estou farto disto tudo, a ponto de me sentir embrutecido. De uma forma geral, repito, e estou a repetir tudo isto, não voltarei a montar peças, em parte nenhuma, com ninguém. E também não voltarei a escrever a ninguém.

Telegrama de Evtikhi Karpov*

São Petersburgo, 5 de Setembro de 1899

Sonho montar *O Tio Vânia* Teatro Aleksandrinski Permita fazer cortes insignificantes com seu concurso Telegrafe. Karpov.

* Evtikhi Karpov, 1857-1926, encenador do Teatro Aleksandrinski de São Petersburgo, autor da primeira encenação de *A Gaivota*, que foi um estrondoso insucesso. O Teatro de Arte de Moscovo arranjou sempre maneira de o impedir de montar as outras peças de Tchékhev. Karpov é autor de *Recordações*, sobre Tchékhev.

Carta de Olga Knipper

Moscovo, 21 de Setembro de 1899

Estamos a ensaiar *O Tio Vânia* sem Astrov, neste momento ocupado com *Ivan o Terrível*. O terceiro acto arrebatou-nos tanto que galopamos, com a rédea solta – os rostos ardem, os olhos brilham, os ganchos do cabelo voam, e o sentimento que reina é que nada nos pode deter. Loujski é um professor notável. Ah, escritor Tchékhev, se pudesse estar presente na estreia! Seria uma festa!

Carta de Olga Knipper

Moscovo, 26 de Setembro de 1899

Fiquei perplexa com uma observação de Alexeev [Stanislavski] a propósito da última cena entre Astrov e Elena: em sua casa, Astrov dirige-se a Elena como o amante mais apaixonado, agarra-se ao amor como um náufrago a uma palhinha. Parece-me que, se fosse o caso, Elena iria com ele e não teria a coragem de lhe responder: “Que engraçado você é...”. Pelo contrário, ele fala-lhe com o mais rematado cinismo e até chega mais ou menos a rir desse seu cinismo. Verdadeiro ou falso? Exprima-se, escritor, exprima-se imediatamente.

A Olga Knipper

alta, 30 de Setembro de 1899

Obedecendo às suas ordens, sem demora respondo à sua carta, na qual me interroga acerca da última cena entre Astrov e Elena. Escreve-me que Astrov se dirige a Elena como o amante mais apaixonado, que “se agarra ao amor como um náufrago a uma palhinha”. Mas é falso, absolutamente falso! Elena agrada a Astrov, sedu-lo com a sua beleza mas, no último acto, sabe que aquilo não vai dar em nada, que Elena vai desaparecer para ele e não vai voltar, fala-lhe no tom que adoptara para lhe falar do calor de África; beija-a assim sem mais, por puro ócio. Se Astrov representar essa cena com paixão, é todo o humor do quarto acto que se perde – um acto sereno e tristonho.

Carta de V.E. Meierhold*

Moscovo, 29 de Setembro de 1899

Ontem, toda a trupe se reuniu para uma cerimónia religiosa, mas não houve cerimónia religiosa porque o metropolitano proibiu que se dissesse missa num teatro. Ainda bem. Talvez graças a isso (pelo menos, em parte), a nossa reunião tornou-se particularmente solene, livre e poderosa. [...] Vladímir Ivanovitch, num breve discurso, agradeceu à trupe pelo trabalho que levou a cabo no decorrer destes sete meses. Depois serviu-se o chá. A solenidade encontrava-se reforçada pelo facto de que a reunião foi, não sei porquê, particularmente silenciosa, concentrada. Nenhum discurso, nem uma palavra banal! [...] Quanto à proposta de lhe enviar um telegrama, a si e ao Hauptmann, foi aceite, não apenas de comum acordo, mas com exaltação. Há muito que não me sentia tão cheio de exaltação como ontem. E sei porquê. O nosso teatro compreendeu, e declarou abertamente, que toda a sua força depende da ligação estreita com os maiores dramaturgos do nosso tempo. Que felicidade ver o meu sonho secreto enfim realizado!

* Vsevolod Meierhold (1874-1940), actor e encenador. Um dos mais audaciosos experimentadores do teatro russo. Integrou desde a fundação, em 1898, a companhia de actores do Teatro de Arte de Moscovo, que abandonou em 1902.

Carta de Nemiróvitch-Dántchenko

Moscovo, 23 de Outubro de 1899

Alexeev não acrescenta nenhum *pathos* às suas cenas [as de Astrov] com ela [Elena]. Pintamos Astrov como um materialista no bom sentido da palavra, incapaz de amar, com o comportamento de um cinismo agradável para com as mulheres, um cinismo quase imperceptível. Há sensualidade mas não há o menor rasto de paixão. Tudo se passa desta maneira meio gracejante que tanto agrada às mulheres.

Carta de V.E. Meierhold

Moscovo, 23 de Outubro de 1899

Fui ao primeiro ensaio geral e vi os dois primeiros actos. [...] A encenação é incrivelmente boa. Começo por avaliar a dimensão artística na encenação global, a qual (dimensão artística) é coerente do princípio ao fim. É a primeira vez que os dois encenadores se fundiram plenamente: por um lado, o encenador-actor, dotado de grande fantasia, mesmo que propenso a certas violências nas encenações; por outro, o encenador-homem de letras, que defende os interesses do autor. E parece-me que este último domina nitidamente o primeiro. A moldura (a encenação) não esconde o quadro. Não só o valor e a ideia desse quadro são cuidadosamente preservados, ou seja, despojados de detalhes exteriores inúteis, como mostram marcas de grande habilidade. Dos intérpretes, prefiro O. Knipper (Elena), K.S. Alexeev (Astrov), A.R. Artem (Teléguin) e M.P. Alexeeva (Sónia). O. Knipper desenha com uma verdade cativante a natureza taciturna do mundo de Tchékhev. Sobre Vichnevski (o tio Vânia), nada posso dizer antes de ver o terceiro acto. Para esta peça, que foi montada com um desvelo ainda maior do que *A Gaivota*, prevejo um enorme sucesso.

Carta de Olga Knipper

Moscovo, 27 de Outubro de 1899

Ontem representámos *O Tio Vânia*. A peça teve um sucesso estrondoso, conquistou a sala inteira, é um facto incontestável. Não preguei olho durante a noite e, hoje, não paro de chorar. Representei de maneira realmente execrável – porquê? Compreendo uma data de coisas, mas muitas outras... não. Tantos pensamentos se agitam na minha cabeça neste momento

que duvido poder contar-te seja o que for. Dizem-me que durante o ensaio geral representei bem, mas não acredito. Eis o fundo da questão, a meu ver: obrigaram-me a esquecer a minha imagem de Elena, que os encenadores acharam demasiado maçadora, mas que eu nunca representara até ao fim. Descreveram-me a personagem de uma maneira totalmente diferente, dizendo-me que era indispensável para a peça. Lutei durante muito tempo e nunca aceitei isso. Durante o ensaio geral, estava serena, e o meu desempenho foi por conseguinte suave e sem sobressaltos. Em contrapartida, no decorrer do espectáculo senti uma inquietação infernal e eis a razão pela qual tive dificuldades em representar a imagem que me impuseram.

A Olga Knipper

lalta, 30 de Outubro de 1899

Querida actriz, bom pequeno coração, pergunta-me se estou inquieto. Mas a estreia de *O Tio Vânia* teve lugar a 26, e só teria sabido da data pela sua carta que recebi a 27. Os telegramas começaram a chegar nesse dia à noite, quando já estava na cama. Transmitem-nos por telefone. De cada vez acordava e corria para o telefone, descalço, no escuro, cheio de frio; depois, mal adormecia, o telefone voltava a tocar e isto vezes sem conta. Foi a primeira vez que a glória me impediu de dormir. No dia seguinte, ao deitar, deixei as pantufas e o roupão ao pé da cama, mas não houve telegramas.

Nesses telegramas só se falava de uma coisa, da ovação e do brilhante sucesso, mas sentia-se algo de vago, quase imperceptível, donde eu podia concluir que o seu humor não estava, digamos, em excelente forma. Os jornais, recebidos hoje, confirmam essa minha impressão. Pois é, actriz, a vós todos, actores artísticos, o sucesso vulgar, normal, já não vos basta, precisais do estrépito, das salvas, da dinamite. Estais definitivamente estragados com mimo, ensurdecidos com as conversas constantes sobre os êxitos, as salas cheias ou semi-cheias, já estais contaminados por esse veneno e, daqui a dois, três anos, não valereis nada! Pronto!...

Carta de Maria Tchékhoa

Moscovo, 31 de Outubro de 1899

A estreia de *O Tio Vânia* foi, segundo a opinião do público e dos actores, menos boa do que o ensaio geral. Foi porque os actores tiveram medo como nunca. A Knipper, quando a vi pela primeira vez, estava terrivelmente emocionada. O Vichnevski também. Assisti à primeira representação. Representaram de maneira tão surpreendente que estou totalmente de acordo com a tua amiga Katitchka Nemiróvitch, que se dirigiu aos actores nos seguintes termos: “Hoje, representastes como pequenos deuses”. [...]

A Olga Knipper

lalta, 1 de Novembro de 1899

Compreendo muito bem o que sente, minha comediantezinha, compreendo muito bem mas, apesar de tudo, no seu lugar, não estaria tão desesperadamente transtornada. O papel de Anna* e a peça em si não valem tantas crises de nervos e dores de cabeça. A peça data de há muito, já envelheceu, está cheia de defeitos de toda a espécie: se mais de metade dos actores não conseguiu encontrar o tom certo, o problema vem, claro está, da peça. Isto, em primeiro lugar. Em segundo, é preciso abandonar, de uma vez por todas, essas preocupações de sucesso ou insucesso. Porque isso não lhe diz respeito! A sua tarefa é trabalhar, obscuramente, dia após dia, sem grande barulho, estar disposta a cometer erros, que são inevitáveis, a sofrer fracassos, em suma, a obstinar-se na sua via de actriz, e as chamadas ao palco, deixai-as por conta e cálculo dos outros. Escrever ou representar e saber, ao mesmo tempo, que não se faz o que é preciso – é tão normal e, para os principiantes, tão útil!...

* Lapso evidente de Tchékhov – trata-se de Elena, papel que Olga Knipper desempenhava.

A V.I. Nemiróvitch-Dántchenko

lalta, 2 de Dezembro de 1899

Caro Vladímir Ivanovitch, a resposta de Karpov já chegou. Aceita adiar a encenação de *O Tio Vânia* para o próximo ano (ou antes, para a próxima temporada). Agora, só lhe resta agir no terreno “legal”, como dizem os melhores advogados. A peça pertence-lhe, fará com ela uma digressão e eu farei de conta que não tenho forças para lutar contra si, visto que já lhe cedera a peça...

[...] Só li recensões acerca de *O Tio Vânia* no *Correio* e no *Notícias do Dia*. No *Notícias da Rússia*, vi um artigo sobre *Oblomov* [de Gontcharov], mas não o li; enervam-me todos esses bizantinos, essas comparações com *Oblomov*, com *Pais e Filhos* [de Turguéniev], etc. Pode-se comparar qualquer peça com toda e qualquer outra coisa, e se o Sanine e o Ignatov, em vez do Oblomov ou do Nozdriev, tivessem pegado no rei Lear, a coisa teria parecido igualmente profunda e tão facilmente legível. Não leio esse género de artigos, para não envenenar o meu humor.

[...] As recordações que tenho do desempenho de Alexeev são tão sombrias que me custa a acreditar que represente bem em *O Tio Vânia*, embora toda a gente escreva, unanimemente, que ele é mesmo bom, e até muito bom.

In Anton Tchekhov – *Uncle Vania: scènes de la vie à la campagne en quatre actes*.
Trad. du russe par André Markowicz et Françoise Morvan. Paris: Actes Sud, cop. 1994. p. 104-132.
Trad. Regina Guimarães.

Publicado em:

O Tio Vânia: [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2005. (Cadernos Tchekhov; vol. 1).